



Foro ibero-americano  
de comunicação  
e divulgação científica

Foro iberoamericano  
de comunicación  
y divulgación científica

**TÍTULO / TÍTULO:** O “GRUPO GESTOR” COMO FORMA DE PARTICIPAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS NA IDENTIFICAÇÃO DE DEMANDAS DE INOVAÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR.

**AUTOR / AUTOR:** Julio Roberto Pinto Ferreira da Costa, José Ronaldo de Macedo, Elizabeth Santos Brandão, Fabio Zamberlan, Generosa Oliveira Silva

**INSTITUIÇÃO / INSTITUCIÓN:** Embrapa, Centro Nacional de Pesquisa de Solos – Embrapa Solos; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ)

**CORREIO ELETRÔNICO / CORREO ELECTRÓNICO:** [julio@cnps.embrapa.br](mailto:julio@cnps.embrapa.br)  
[jrmacedo@cnps.embrapa.br](mailto:jrmacedo@cnps.embrapa.br) [bethbrandao@cnps.embrapa.br](mailto:bethbrandao@cnps.embrapa.br) [fabio@pep.ufrj.br](mailto:fabio@pep.ufrj.br)  
[generosaos@ig.com.br](mailto:generosaos@ig.com.br)

**EIXO / EJE:** Participación pública en Ciencia y Tecnología

**PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE:** inovação tecnológica, agricultura familiar, Grupo Gestor

## RESUMO / RESUMEN

Em uma pesquisa participativa em agricultura familiar, realizada no município de São José de Ubá, noroeste do Estado do Rio de Janeiro, formou-se um grupo de agricultores locais que veio a ser o Grupo Gestor, como o principal ator coletivo para a incorporação de inovações técnico-científicas relativas à resolução de problemas ambientais com aumento de renda. O Grupo Gestor se tornou um ator ativo na identificação de demandas da comunidade, possibilitando melhor diálogo dos agricultores com a pesquisa, propiciando que a inovação técnico-científica estivesse integrada aos anseios comunitários. Nessa linha de atuação, pesquisou-se, junto com a comunidade, diversos problemas sociais locais, e a pesquisa se tornou um fator de conscientização, empoderamento e desenvolvimento. Como resultado das atividades, chegou-se a um sistema diferenciado de produção de tomate, com preservação do meio ambiente e aumento da renda da produção familiar.



## 1. Introdução

Nas ações de pesquisa participativa no meio rural procura-se unir o saber do agricultor com o saber técnico-científico, de modo a haver uma construção participativa de conhecimentos que seja duradoura. Nesse processo, o pessoal técnico-científico, de certa forma, orienta a comunidade a conhecer melhor os seus problemas, ao mesmo tempo em que, pela via da construção da confiança mútua, a comunidade se torna receptiva à inovação tecnológica que se viabiliza no trabalho conjunto e que vem ao encontro de suas necessidades. No projeto de pesquisa Gestão Participativa da Sub-Bacia do Rio São Domingos (GEPAR/MBH – CT-HIDRO), realizado pela Embrapa Solos, COPPE/UFRJ e instituições parceiras, realizou-se uma abordagem multidisciplinar onde se procurou mobilizar os atores locais frente ao cenário de degradação do meio natural. Foi preciso questionar os atores em um cenário de baixo protagonismo social, na tentativa de mudança desse cenário rumo a posicionamentos pró-ativos em relação à conservação ambiental que estivessem em sintonia com o aumento da renda e da qualidade de vida.

## 2. Divulgação técnico-científica no meio rural enquanto prática de cidadania

Não se pode dissociar a ciência do esclarecimento. Dessa forma, práticas de divulgação de inovações técnico-científicas não existem isoladas de suas repercussões em um contexto historicamente vitimado pela exclusão social. Espera-se que um verdadeiro trabalho científico, portanto de esclarecimento, traduza-se em um aumento do *protagonismo social* das populações, para além dos antigos arranjos clientelistas, onde a posição dos produtores era de subserviência a quaisquer que fossem as elites dominantes, locais ou regionais. A modernização tecnológica verdadeira anda *pari passo* com a modernização social, que se traduz em um senso maior de cidadania nas relações entre os atores. Como nos mostra a questão emergente da responsabilidade socioambiental frente, por exemplo, às mudanças climáticas, pode-se afirmar que o avanço tecnológico não pode estar desassociado da ética, pelas próprias características da noção sistêmica de sustentabilidade. Isso traz a responsabilidade social para todas as esferas do trabalho científico.

No cenário rural brasileiro, por motivos de ordem histórica, costuma haver pouca noção de cidadania, e, em seu lugar, favorecimento do clientelismo e do patrimonialismo. Nessa situação, em lugar da conscientização cidadã, a população é incentivada a procurar o favor dos poderosos, que, seguindo seus interesses, oferecem soluções individualizadas, respaldando o caráter personalista de qualquer intervenção – ou seja, a melhora da qualidade de vida seria um assunto particular, que depende do relacionamento social subserviente, e implica a dívida em termos de favores. Nesses termos, a vida social permanece inalterada, e a sociedade civil se apresenta como desarticulada, visto que os interesses coletivos são colocados em segundo



plano, frente à relação personalista – e dessa forma *clientelista* (a pessoa é cliente de favores) – com um “senhor”.

A divulgação técnico-científica, em sua qualidade de esclarecimento, só pode ser legitimamente entendida como estando comprometida com o desenvolvimento sustentável, e este necessita de uma sociedade civil que saiba coordenar seus esforços coletivamente, dando valor ao ser humano, à sua dignidade e liberdade de escolha, que são características do cidadão. Apenas o cidadão esclarecido pode fazer tomadas de posição, junto com outros cidadãos também livres e esclarecidos, em prol do bem comum de todos, e assim em prol da sustentabilidade.

Nesse contexto, a inovação técnico-científica deve ser considerada como tendo um caráter emancipador, e só pode ser considerada completa quando alcança o usuário final, melhorando de alguma forma sua qualidade de vida. Tal inovação deve contemplar o bem-estar das populações rurais e urbanas, promover a sustentabilidade em todos os seus aspectos, e ser adotada pelos atores sociais locais ou regionais. A adoção efetiva das inovações pelas comunidades permite a continuidade de seus benefícios após a saída do pessoal técnico-científico que trabalhou em dado projeto.

As abordagens participativas têm sido as mais eficazes para a conquista da confiança dos atores sociais, tanto no meio urbano quanto rural. Em um trabalho participativo, a partir de que as novas tecnologias apresentem seus resultados positivos, pode-se esperar um efeito multiplicador espontâneo.

### **3. O trabalho nas comunidades: elaboração de mecanismos de gestão participativa e protagonismo social**

O projeto GEPAR/MBH – CT-HIDRO foi realizado no município de São José de Ubá, no noroeste do Estado do Rio de Janeiro, cortado pelo Rio São Domingos. Como a equipe não poderia abarcar todas as comunidades da área rural do município, preferiu-se concentrar os esforços nas vilas de Santa Maria e Cambiocó, onde o meio físico se adequava melhor às demandas da pesquisa ambiental relativa ao solo e aos recursos hídricos. Porém, estudou-se também as vilas de Santo Antônio do Colosso, Barro Branco e Brejo. Santa Maria e Cambiocó se tornaram as “comunidades-piloto”, e as demais ficaram na qualidade de “comunidades participantes”. O acesso inicial da equipe de pesquisadores às vilas, no início da pesquisa social e econômica, provocou reações de retração. O contato com o pessoal técnico local, como por exemplo da Emater – RJ, no Escritório Local de São José de Ubá, facilitou o



encontro com pessoas em quem os produtores já tinham convivência e confiança, e que viriam a ser interlocutores importantes para os primeiros contatos.

Tendo-se entrado em consenso de que o trabalho com um grupo participativo de agricultores seria o mais favorável para o incremento dos valores de sociabilidade cooperativa dentro das comunidades e entre elas, foram realizadas reuniões periódicas para a sensibilização inicial das comunidades e seu engajamento. Foi o momento de se fazer diversas dinâmicas de grupo que traziam à tona o aspecto do *protagonismo*, significando o indivíduo assumir todos os atributos de sua condição de *sujeito* e, inevitavelmente, de sua condição de *cidadão*, e se sentir interiormente capaz de gerir a sua própria vida na interação com os outros e com as instituições.

Como efeito das dinâmicas de grupo e das ações de sensibilização, conseguiu-se motivar as pessoas a comparecerem nas reuniões seguintes, e sentir mais próxima a realização de um sentido de pertencimento que estava bastante precário. Pode-se dizer que, quando se fragiliza a comunidade, fragiliza-se a pessoa, pois esta fortalece os valores de sua subjetividade com a produção simbólica que se realiza na comunidade afetiva. Um ataque à cultura dessa comunidade é um ataque à pessoa. Daí que a conscientização deve ser feita *com* a pessoa, onde o pesquisador descobre o espaço de repensar sua atitude frente às comunidades, e assim, no espelho social do *outro*, descobre as ideologias que podiam estar implícitas em seu relacionamento em sociedade (Freire, 2001, pág. 46 e seguintes).

Dentro do processo de incentivo do protagonismo social em São José de Ubá, formou-se o denominado “grupo de mobilização”. Com a confiança dos agricultores no que estava se desenvolvendo, as lideranças informais das comunidades, e pessoas que se sentiam motivadas a participar, consolidaram seu comparecimento às reuniões, e as comunidades decidiram sobre quais seriam seus melhores representantes.

A concepção do Grupo Gestor se inseriu no quadro de uma rede de relações sociais locais onde os produtores estivessem inseridos de forma participativa. O Grupo Gestor seria o principal ator coletivo para motivar o desenvolvimento comunitário em seu aspecto organizacional, favorecendo o associativismo, o intercâmbio de idéias e experiências entre as comunidades, com a difusão das informações pelas redes de conhecimento informais locais, favorecendo de modo geral a interação entre os diversos atores sociais, e assim trazendo maior integração. Em sua concepção foram propostas algumas considerações básicas:

- a. Os instrumentos utilizados deveriam ser, na medida do possível, ao mesmo tempo formadores, mobilizadores e capacitadores;
- b. As especificidades de cada grupo impunham adaptação e variações dos instrumentos apropriados a cada realidade;



- c. Haveria uma contribuição para a superação de “vícios” que impediam o dinamismo dos atores locais, em particular a tendência à imobilização;
- d. Se propiciaria o aparecimento e fortalecimento de novos atores sociais e lideranças locais;
- e. Se permitiria a identificação dos interesses maiores da comunidade em contraposição aos conflitos pessoais imediatos;
- f. Haveria contribuição para a formação de consciência crítica capaz de levá-los à construção dos novos projetos a médio e longo prazos.

Essa estrutura organizacional nasceu, portanto, de uma concepção de sociabilidade cooperativa indispensável para a gestão de uma bacia hidrográfica de modo sistêmico, fundamentada tanto nos conhecimentos técnicos, quanto na busca pelo bem comum. Procurou-se, por meio do Grupo Gestor, a autêntica representatividade das comunidades, incluindo-se o encaminhamento de ações efetivas de melhoria da qualidade de vida, interiorização das noções de cidadania, e conseqüente participação ativa na busca de soluções para seus problemas sociais, econômicos e ambientais.

À dimensão organizacional foi acrescida a formação técnica e cidadã dos membros do Grupo Gestor por meio de diversas ações: acompanhamento de reuniões ordinárias, seminários, cursos de capacitação, acompanhamento da implantação das inovações tecnológicas na lavoura, realização de “Dias de Campo”, excursões técnicas e práticas de engajamento nas comunidades interessadas.

Nesse processo, a criação do Grupo Gestor também foi importante como:

- a. Um espaço onde os agricultores são parte importante do processo de elaboração e implantação do trabalho a ser desenvolvido na comunidade. A confiança do agricultor é simultaneamente um indicador da sua mobilização;
- b. Confiança em si próprio (autoconfiança) como condição fundamental para a aquisição de autonomia; a autoconfiança é ao mesmo tempo um indicador dessa autonomia;
- c. Confiança nos outros, sem a qual a formação de cooperação e sinergias é impossível; igualmente pode ser vista como um indicador de autonomia.

A partir da formação do Grupo Gestor em São José de Ubá, houve mudanças em seu quadro, mas deve-se notar que a pesquisa participativa obteve o surgimento de um novo ator social – o Grupo Gestor – a partir dos trabalhos de sensibilização, conscientização e motivação do protagonismo.

Sendo uma pesquisa multidisciplinar, o Projeto GEPAR/MBH – CT-HIDRO igualmente possuía frentes de atuação na cadeia produtiva dos produtos agrícolas das comunidades, com ações



de preservação e recuperação do meio ambiente, e em educação ambiental. Pesquisadores da Embrapa e da COPPE/UFRJ estiveram presentes em eventos, tais como a Festa do Tomate em São José de Ubá, com um estande onde se demonstrava um simulador de erosão e se explicava, com o auxílio de painéis impressos para a ocasião, as ações desenvolvidas.

Como mais um elemento congregador das comunidades em prol do desenvolvimento comunitário, cidadania e protagonismo social, foi elaborado, impresso e distribuído um “Boletim Informativo”, que teve cinco edições, onde se reportava o que estava sendo realizado em linguagem acessível para os produtores.

Observou-se o quanto os membros do Grupo Gestor, antes receosos de verbalizar suas necessidades nas reuniões com dinâmicas de grupo, começaram a conversar com o prefeito e demais autoridades, expondo as demandas de suas comunidades, como agentes plenos dos debates sobre o que seria melhor para o município de São José de Ubá. Ao mesmo tempo, os produtores se interessavam e se tornavam agentes ativos para a viabilização de um sistema de produção de tomate mais efetivo, visando à criação de condições para a melhora de sua remuneração e qualidade de vida.

#### **4. Resultados alcançados no sistema de produção por meio da inovação tecnológica**

Por meio da mobilização propiciada pelo Grupo Gestor, chegou-se ao sistema de produção do Tomate Ecologicamente Cultivado – Tomatec – que preconiza a utilização de técnicas adequadas de conservação de solo e água, cultivo por meio da otimização da mão-de-obra, da aplicação correta de insumos agrícolas e agrotóxicos (Manejo Integrado de Pragas – MIP e ensacamento dos frutos), e padronização do produto em função das exigências do mercado. A sinergia dessas ações possibilitou a produção sustentável, com aumento na produtividade e redução dos custos de produção. Consolidando-se o Tomatec, foi desenvolvido um protocolo que tem como objetivo estabelecer um programa de qualidade e de certificação de origem, utilizando-se diversas tecnologias para se obter um produto diferenciado, reduzindo-se o impacto ambiental devido ao uso de agrotóxicos e promovendo-se a recuperação dos mananciais hídricos.

Com essas ações, pretende-se que os produtores recebam um valor diferenciado pela produção do tomate. É necessário esclarecer que o Tomatec não é um tomate orgânico, pois o mesmo é produzido com a utilização de adubos minerais, mesmo que associados a adubos orgânicos.

Almeja-se que o produtor rural que utilize ou venha a utilizar o sistema de produção do Tomatec esteja conscientizado quanto à preservação ambiental, e que o ganho na produtividade de sua lavoura reforce e estimule essa atitude. Os sistemas de manejo de solo e água, pesquisados como sendo os mais adequados em relação às condições do município de



São José de Ubá, deverão assegurar esse diferencial na produtividade e conseqüentemente na renda. Em contrapartida, e também como exercício de uma nova atitude em relação à sua própria qualidade de vida, o produtor, com o Tomatec, colabora na preservação ambiental.

## 5. Conclusões

Pode-se dizer que a pesquisa participativa por meio do Grupo Gestor demonstrou sua efetividade para uma comunicação mais abrangente com os agricultores em torno de uma inovação tecnológica. A partir das ações realizadas, pode-se afirmar que a conscientização das comunidades é capaz de ser potencializada por meio da inovação técnico-científica, uma vez que seja respeitada a cultura local. Deve-se enfatizar que, no enfoque participativo adotado, a cultura do ator local dentro das comunidades não deve ser considerada como a cultura da pobreza, que deveria ser eliminada. Em sua cultura estão os símbolos do seu pertencimento, que o permitem ter uma identidade frente a um sistema social concentrador, excludente e discriminatório. A manutenção de sua identidade, como o lugar do valor irredutível de sua dignidade de pessoa e cidadão, é um fator de empoderamento. Cumpre observar que esse não será o direcionamento dos diversos arranjos político-institucionais opressores da individualidade, que se sucederam concomitantemente com a cultura do clientelismo e do patrimonialismo.

No *trabalhar junto*, implícito na pesquisa participativa, o pesquisador oferece o seu saber de forma complementar à vontade do produtor de ter uma vida mais digna. Desse modo, foi possível o aprendizado de melhores práticas de manejo e uso dos recursos solo e água. No caso do sistema de produção do tomate, diminuiu-se os custos de produção e ao mesmo tempo aumentou-se a produtividade. A potencialização da organização social, onde se incluiu o Grupo Gestor, forneceu suporte para a nova figura do produtor, que de forma pró-ativa exerce sua cidadania em prol da melhoria de suas condições de vida. Para esse ator social é básico haver integração e diálogo com os outros produtores, havendo o conseqüente fomento do associativismo rural.

O Grupo Gestor e demais aspectos trabalhados na pesquisa participativa em São José de Ubá, portanto, foram eficazes na inserção social da inovação técnico-científica como um fator de cidadania e empoderamento comunitário, em sintonia com o trabalho ambiental. Para o futuro, espera-se a multiplicação dos bons resultados obtidos para outros municípios que sofram de necessidades semelhantes.

## BIBLIOGRAFIA

- Buber, M. (1987). "Sobre Comunidade". Perspectiva. São Paulo. 136 p.



Foro ibero-americano  
de comunicação  
e divulgação científica

Foro iberoamericano  
de comunicación  
y divulgación científica

- Freire, P. (1982). "Ação Cultural para a Liberdade". Paz e Terra. São Paulo. 149 p.
- Freire, P. (1984). "Educação e Mudança". Paz e Terra. São Paulo. 79 p.
- Freire, P. (2001). "Extensão ou Comunicação?" Paz e Terra. São Paulo. 93 p.
- Freire, P. (2006). "Pedagogia do Oprimido". Paz e Terra. São Paulo. 213 p.
- Guimarães Filho, C. (2000). "Metodologias de Experimentação com os Agricultores". Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia. Brasília. 141 p.
- Moreira, R., Costa, L. (org.). (2002). "Mundo Rural e Cultura". Mauad Editora Ltda. Rio de Janeiro. 313 p.
- Petersen, P. & Romano, J. (org.) (1999). "Abordagens Participativas para o Desenvolvimento Local". AS-PTA/Actionaid-Brasil. Rio de Janeiro. 144 p.
- Thiollent, M. (2002). "Metodologia da Pesquisa-Ação". Cortez. São Paulo. 112 p.
- Weber, M. (1993). "Metodologia das Ciências Sociais". Cortez. São Paulo. Editora da Unicamp. Campinas. 660 p. 2 vol.